Dia 11 — São Higino, Papa e Mártir

Tem o Senhor grande cuidado de conservar e defender sua Igreja contra todos os esforços do inferno, segundo suas promessas, especialmente quando a vê atribulada e aflita; sob cujo pressuposto, naqueles calamitosos tempos em que foram muitos e muito poderosos os seus inimigos, foi muito particular a sua vigilância em provê-la de prelados santos, sábios e valorosos, que sem temor da morte a defendessem com brio e animassem os fiéis com seu exemplo. Desta classe foi São Higino, grego de nação, natural de Atenas, filho de um filósofo cujo nome e genealogia os escritores não explicam. Por sua eminente virtude e recomendáveis prendas, ascendeu à cátedra apostólica por morte de São Telésforo, por volta da metade do século II, no reinado do imperador Antonino Pio.

No tempo de seu pontificado foram muitas e graves as calamidades do mundo, e com especialidade as do império romano; e, atribuindo os gentios esses males, esse castigo da divina justiça, aos vícios e delitos dos cristãos, inimigos de seus deuses, com essa falsa prevenção os perseguiam de morte, com o fim de aplacar o enfado de seus ídolos, a quem supunham gravemente ofendidos.

Não menos cruel que a perseguição dos pagãos foi a que sobreveio à Igreja na época deste papa pela malignidade dos hereges, que não poupavam meio algum para corromper a pureza da fé e a santidade dos costumes. Quase todos os inimigos declarados de Jesus Cristo haviam concorrido a Roma com a perversa intenção de envenenar a fonte matriz da doutrina evangélica. O ímpio Valentim, homem de vivo engenho, cheio de fogo e de brilhante eloquência, com singular atrativo e cultos modos, fazia grandes progressos em sua seita, enganando o vulgo com sua contínua afetação de reforma e uma muito bem estudada exterioridade de virtude. Marcião, outro famoso heresiarca, separado da Igreja por seu próprio pai (bispo depois de viúvo), não podendo conseguir em Roma ser admitido à comunhão dos fiéis, por mais que se cobrisse com a máscara de virtude e autoridade, precipitado na heresia de Cerdão, acrescentando muitas impiedades às daquele perverso mestre, enganou muitos simples e ingênuos com as aparências de arrependido e devoto. Contra estes e outros monstros teve que lutar Higino; e, como era um homem de superior engenho, de eminente sabedoria, de extraordinária grandeza de alma, de inflexível têmpera e de tanta intrepidez que olhava com desprezo os maiores perigos, perseguiu-os até exterminá-los e não poupou diligência alguma para precaver seu rebanho da peçonha com o antídoto oportuno.

Muito serviu para a consecução de progressos tão felizes São Justino, luz brilhante de seu século e depois mártir de Jesus Cristo, que por aquele tempo compôs sua doutíssima apologia em favor dos cristãos, capaz de confundir vergonhosamente todos os inimigos do Evangelho, tendo-se por feliz em contribuir para as empresas de tão grande pontífice, a cuja vigilância e zelo se deveu o fervor

que em seu tempo mostraram os fiéis, apesar das perseguições dos gentios e dos esforços dos hereges.

Conseguidos tão recomendáveis triunfos, aplicou seu cuidado à reforma do clero nos graus de sua hierarquia. Embora esta já estivesse estabelecida desde o tempo apostólico com vários regulamentos de disciplina, posteriormente alguns haviam sido confundidos e outros relaxados por ocasião das perseguições de Trajano e Adriano, segundo escreve Barônio; e Higino os restituiu e aperfeiçoou, ordenando em cada um dos graus eclesiásticos o modo e a forma de exercer suas respectivas funções. Também expediu muitos decretos úteis, entre eles vários sobre ritos e cerimônias para a celebração do santo sacrifício. Mandou igualmente que não houvesse mais que um padrinho e uma madrinha no batismo, pois se havia introduzido maior número, com inibição de que o fosse no sacramento da confirmação quem o fora no batismo. Igualmente mandou que na consagração dos templos se celebrasse o santo sacrifício da missa e que as igrejas não se erigissem nem demolissem sem licença dos bispos, proibindo que o cedido para o culto divino servisse a usos profanos. Três vezes fez ordenações no mês de dezembro, nas quais criou quinze presbíteros, cinco diáconos e sete bispos para diferentes igrejas.

Morreu São Higino no ano 142, depois de ter ocupado a cadeira pontifícia por cerca de quatro anos. Muitos calendários antigos e o Martirológio Romano lhe dão o título de mártir; o que pode estar fundado nas diferentes perseguições que teve de sofrer e nos perigos a que em tempos tão borrascosos o expunha o posto que ocupava.

São Teodósio, o Cenobiarca, Confessor

São Teodósio, chamado o Cenobiarca, isto é, cabeça do estado cenobítico, porque reuniu grande número de religiosos que viviam em comunidade dentro de um mesmo mosteiro, nasceu numa aldeia da Capadócia por volta do ano 423 de Jesus Cristo. Foram seus pais os mais ricos e mais distintos do lugar; mas faziam-se respeitar mais por sua virtude que pelos bens de fortuna. Tiveram grande cuidado da educação de seu filho, criando-o no santo temor de Deus e procurando sobretudo que as instruções fossem acompanhadas dos exemplos. Dessa maneira alcançaram o consolo de ver os progressos que fazia o menino Teodósio na ciência dos santos, antes de ter idade para instruir-se nas ciências humanas. Não manejava mais livros que os de devoção, nem tomava gosto a outro gênero de leitura. Sua aplicação ao estudo das sagradas letras o habilitou na ciência da religião, e sua piedade o desgostou tanto do mundo que o deixou logo que chegou a conhecê-lo. Abraçou o estado eclesiástico e em pouco tempo foi diretor e pai espiritual dos mesmos que lhe haviam dado o ser e a educação.

Depois de ter exercido o ofício de leitor na igreja por algum tempo, inflamou-se em tão vivos desejos da perfeição que resolveu deixar tudo por Jesus Cristo e retirar-se a um deserto para passar nele os dias de sua vida. Mas antes quis instruir-se melhor da vontade do Senhor; e, para

descobri-la, tomou o partido de ir visitar os santos lugares e consultar de passagem aqueles santos varões que mais se distinguiam nos desertos pela santidade de sua vida.

Tendo, pois, deixado, como outro Abraão, sua casa, sua pátria e seus parentes, tomou o caminho de Jerusalém e, ao passar pelas cercanias de Antioquia, na Síria, excitou-se-lhe um vivo desejo de ir ver São Simeão Estilita, que então vivia sobre uma coluna; e, deixando-se levar por ele, dobrou o caminho e foi pedir-lhe sua bênção, seu conselho e suas orações. Mal o descobriu Simeão de muito longe, quando, iluminado com superior luz, começou a gritar-lhe: Sê bem-vindo, Teodósio, servo de Deus. De que atônito e confuso nosso santo, só correspondeu com uma profunda humilhação, prostrando-se até o chão. Mandou-lhe o santo solitário que se levantasse e animou-o a subir à coluna. Ali o abraçou ternamente, descobriu-lhe os desígnios que Deus tinha sobre ele, exortou-o a corresponder com fidelidade e aconselhou-o a continuar a viagem.

Depois que Teodósio desafogou em parte sua devoção e visitou os santos lugares, esteve duvidoso por algum tempo se abraçaria o instituto dos solitários, que vivem sós e separados uns dos outros, ou o dos cenobitas, que vivem muitos juntos em comunidade. Por fim preferiu este segundo, parecendo-lhe mais seguro e de certa maneira mais perfeito, pelas contínuas ocasiões que se oferecem na vida comum de quebrantar a própria vontade e de suportar-se com caridade uns aos outros. Pôs-se logo sob a disciplina de um santo ancião chamado Longino, homem de grande magistério de espírito, que vivia na Torre de Davi entregue a exercícios de penitência. Admirado o mestre da virtude do discípulo e sumamente prendado dela, consolava-se com a esperança de tê-lo em sua companhia até a morte, quando uma virtuosa senhora chamada Icela veio pedir-lho para encarregá-lo do cuidado de uma igreja que acabava de edificar em honra da santíssima Virgem. O sacrifício foi recíproco, não custando menos ao santo ancião separar-se de seu querido companheiro que a nosso santo desviar-se de sua doce companhia; mas teve que render-se em virtude da lei que se havia imposto de obedecer. Não esteve muito tempo nessa ocupação; porque, à fama de sua santidade, concorreu tanta gente para vê-lo e consultá-lo que deixou o emprego e, retirando-se a um deserto vizinho, escondeu-se numa gruta, onde era tradição que os reis Magos haviam dormido quando voltavam de Belém de adorar o Salvador. Aqui soltou as rédeas a seu fervor, entregando-se à contemplação e a todos os rigores da penitência. Gastava em oração os dias e as noites, saboreando na íntima comunicação com seu Deus a doçura e suavidade das consolações celestiais. Seu jejum era rigoroso e perpétuo, sem usar outro alimento que alguns legumes cozidos em água ou algumas ervas silvestres. Esse regime observou até a morte, isto é, por mais de trinta anos, confessando que não era a menor de suas mortificações a precisão de comer, tão mortificado tinha o apetite.

Já não pensava mais que em viver desconhecido e retirado em seu deserto, crendo que podia ser essa a sua vocação, não obstante a resolução primeira; mas queria Deus que fosse útil a muitos e estendeu tanto a reputação de sua virtude que concorreu à gruta uma inumerável multidão de gente, pedindo-lhe com instâncias que os tomasse sob sua direção. Não podia resistir à vontade de Deus, tão descoberta, quem havia feito tão generoso sacrifício da sua, nem podia negar-se aos que unicamente o buscavam com o desejo de trabalhar eficazmente no importante negócio de sua eterna salvação; e assim recebeu logo seis ou sete, parecendo-lhe que podia limitar-se a esse reduzido número.

A primeira lição que lhes deu foi que tivessem perpetuamente na consideração e na memória a imagem da morte; persuadido de que, entre todos os exercícios de piedade que se podem inventar para fazer grandes progressos na virtude e para domar as paixões, o contínuo pensamento da morte é o mais eficaz de todos. Mandou-lhes trabalhar uma espécie de abóbada ou cemitério para o enterro comum; e, logo que se concluiu a obra, disse-lhes com aquela graça e com aquela afabilidade que o faziam tão amável: Irmãos, a sepultura já está aberta; agora falta quem faça a dedicação. Havia entre eles um sacerdote chamado Basílio, que somente suspirava pela ventura de ver a Deus e, lançando-se intrepidamente aos pés de Teodósio, disse-lhe: Eu, pai, a farei, se me dás licença. Conheceu o santo com luz do céu o que havia de suceder e permitiu que Basílio se metesse e se deitasse na sepultura; mandou que lhe cantassem o ofício de defuntos, como se costuma no dia do enterro, no nono e no cabo de ano, e, ao acabar-se as orações da Igreja, por um milagre nada inferior ao da ressurreição dos mortos, Basílio, sem febre, sem acidente, sem indisposição, dormiu no sono dos santos e foi repousar no Senhor.

Esse milagre e muitos outros que se seguiram a ele tornaram tão famosa a pequena e recém-nascida comunidade de Teodósio, e foi tanto o número dos que concorreram a ser seus discípulos, que por fim se viu obrigado a consentir que lhe edificassem um mosteiro mais espaçoso para mantê-los melhor na disciplina regular. Mas, como se duvidasse do lugar em que se havia de edificar o mosteiro, Teodósio acudiu a seu ordinário recurso da oração; ao fim dela tomou um incensório para ir dizer missa na capela, que estava muito distante de sua cela, quando, em meio ao caminho, desceu do céu uma formosa chama que deixou acesas as brasas do incensório e logo se desvaneceu; com cuja maravilha conheceu o santo ser aquele o lugar em que queria Deus que se levantasse o edifício. Desde então tomou a resolução de não despedir nenhum dos que quisessem deixar o mundo e pôr-se sob sua disciplina. Logo se achou com um prodigioso número de discípulos. Vinham de todas as partes do mundo pessoas da maior qualidade: oficiais, ministros, cavaleiros particulares, senhores da primeira distinção, homens ricos, filósofos, sábios, doutores, movidos todos de um desejo sincero de assegurar sua eterna salvação, que, renunciando a tudo por Jesus Cristo, só aspiravam a servir esse Senhor sob a disciplina e a direção do abade Teodósio.

Era sem dúvida uma espécie de maravilha ver tanta diversidade de nações, de estados, de condições, de profissões, juntos todos num mesmo lugar, com tal união, com tal ordem, com tal economia e com tanta regularidade, que certamente não era o menos assombroso de todos os milagres. Conforme ia crescendo o número dos discípulos, ia acrescentando ao edifício do mosteiro e multiplicando as celas. Não se viu no mundo mosteiro mais vasto nem mais numeroso. Parecia uma cidade no deserto, sem perturbação, sem tumulto, sem confusão. Nele reinava um eterno e maravilhoso silêncio; havia mais de mil monges, e era como se não houvesse uma alma.

Para facilitar o ofício divino aos que falavam diferentes línguas, edificou quatro igrejas principais dentro das paredes do mosteiro. Uma para os da Ásia, Europa e África, que entendiam o grego; outra para os armênios, em cujo número estavam compreendidos os persas e os árabes; outra para os bessos, ou setentrionais, que falavam a língua eslava e rúnica; e a quarta, por fim, com grandes habitações separadas, para os energúmenos, isto é, para todos aqueles, fossem religiosos ou seculares, que por secreta disposição da divina Providência estavam possuídos do demônio, que naqueles tempos eram inumeráveis. Todas essas igrejas estavam destinadas a cantar o ofício divino segundo as diferentes línguas e nações; mas não se celebrava em todas o sacrifício da

missa. Isso só se fazia na dos gregos, que era a maior, e somente nela se comungava. Cada dia se cantavam os salmos e se fazia sete vezes oração em cada igreja, segundo o costume, que é o que corresponde ao que chamamos horas canônicas no Ocidente; e à hora assinalada todos concorriam à igreja maior para ouvir missa e fazer suas devoções.

Persuadido Teodósio de que a ociosidade é mãe de todos os vícios, cuidava que se empregasse no trabalho corporal todo o tempo que sobrava da oração e demais exercícios espirituais. Nesse ofício manual se fabricava tudo o necessário para os misteres da casa. Cheio do espírito de Deus, o santo abade governava aquela comunidade numerosa com tanta prudência, tanta doçura e tanta destreza que a cada dia brilhava mais nela a piedade e a disciplina religiosa, crescendo o fervor à medida que ia aumentando o número dos monges. Severo consigo mesmo, reservava unicamente a afabilidade e a indulgência para todos os demais. Sua humildade e seus modos sempre gratos, seu temperamento constantemente sereno e seu semblante perpetuamente risonho granjeavam-lhe o coração e a confiança de todos os seus súditos. Aos que se descuidavam em algo repreendia mais com exemplos que com palavras; era mais modelo que superior de seus religiosos, a quem olhava como filhos e irmãos.

Sua caridade com os enfermos, com os pobres e com os estranhos em nada era inferior à que tinha com seus discípulos. Sua casa estava aberta para todos em todos os tempos. Além das enfermarias que havia dentro do mosteiro para os monges, mandou fazer outras para os enfermos de fora, tendo também suas hospedarias para os pobres e peregrinos. Sua fé e sua confiança em Deus eram verdadeiramente eficazes e generosas. Assegurado Teodósio da divina Providência, recebia todo o mundo com alegria, e a cada um se assistia com o que necessitava no espiritual e no corporal, com tanto cuidado e com tão boa ordem que se antecipava o socorro às próprias necessidades. Parece coisa incrível, mas na realidade é verdadeira: alguma vez se serviram num só dia mais de cem mesas para os forasteiros. Não podia sofrer que se atendesse a se havia ou não havia com que socorrer os que concorriam, mesmo em tempo de fome. Verdade é que Deus o fez experimentar mais de uma vez que a uma caridade perfeita, acompanhada de uma fé viva, nada pode faltar.

Numa fome universal que afligiu todo o Oriente, concorreu ao mosteiro tão prodigioso número de pobres que, espantados, os hospedeiros e esmoleres lhes fecharam as portas. Mandou-as abrir Teodósio, ordenando que se distribuísse a cada um o que necessitasse; e por um milagre de que todos foram testemunhas, todos ficaram satisfeitos sem que a provisão diminuísse, conhecendo-se desde então que, quanto maior era a liberalidade com que dava, mais abundante era o muito que recebia. Numa Semana Santa foi tanto o concurso de forasteiros que, na véspera da Páscoa, não ficou nem um só pão no mosteiro. Vendo o santo a inquietação que isso causava nos que não tinham tanta confiança, disse-lhes com muita bondade: Cuidemos, irmãos, de preparar o altar e de nos dispormos para a comunhão de amanhã; que no mais Deus proverá. Com efeito, naquela mesma tarde chegou à porta do mosteiro tão vultosa provisão que bastou para todos os monges até a Páscoa de Pentecostes. Refere-se também que um homem rico e muito piedoso, tendo feito grandes esmolas a todos os mosteiros vizinhos, esqueceu-se do de Teodósio. Propuseram ao santo abade os esmoleres se lhe parecia conveniente que se fizessem saber as necessidades da casa àquele homem tão caritativo. De modo algum, respondeu o santo, que isso seria faltar à confiança na divina providência. Naquele mesmo dia Deus a premiou; porque, tendo chegado à porta do

mosteiro um homem que levava grande provisão de víveres para outros, ficaram imóveis as cavalgaduras que conduziam o comboio, sem ser possível fazê-las dar um passo adiante; e, reconhecendo a vontade divina, tão bem manifestada, deixou rico o convento de Teodósio para muitos dias.

Professavam estreita amizade São Sabas e nosso santo, e comumente os chamavam os dois apóstolos dos desertos da Palestina. São Sabas governava grande número de solitários em sua laura, e Teodósio um número muito maior de cenobitas em seu convento. Movidos os hereges eutiquianos da grande reputação de nossos santos, não pouparam meio, diligência nem artifício para ganhar a seu partido dois homens tão insignes. O imperador Anastácio, grande fautor desses hereges, valeu-se de promessas e ameaças para enganá-los; mas sempre os achou invencíveis. Unidos indissoluvelmente para defender os interesses de Deus e da Igreja, opuseram-se intrepidamente à violência do imperador com um número quase infinito de religiosos e de solitários. Embora o caráter dos dois fosse a humildade e a doçura, foram sempre intrépidos e inflexíveis na defesa da verdade. Julgou o imperador que havia encontrado o segredo de ganhar ao menos Teodósio. Enviou-lhe uma soma de sessenta marcos de ouro, com o especioso pretexto de socorrer os enfermos e os pobres. Conheceu Teodósio o artifício e soube aproveitar-se dele; tomou o dinheiro e distribuiu-o entre os necessitados. Julgando o imperador que já o tinha ganho, enviou-lhe uma fórmula de confissão eutiquiana, rogando-lhe que a subscrevesse. O santo, em vez de obedecer, convocou todos os seus monges e os exortou a defender a verdade à custa da vida. Escreveu depois ao imperador com aquele zelo e aquele valor que convinha a um homem apostólico, declarando-lhe que ele e todos os seus religiosos estavam dispostos a perder mil vezes a vida ao rigor dos maiores tormentos antes de separar-se em um só ponto da fé da Igreja. Admirado Anastácio de uma liberdade tão generosa e tão inesperada, embora lhe chegasse muito à alma, dissimulou seu ressentimento, afetando ficar edificado. E assim lhe voltou a escrever uma segunda carta em termos não só temperados, mas respeitosos; porém, apesar disso, pouco tempo depois, expediu novos editos contra a Igreja, mandando obedecê-los e executá-los. Com essa notícia, Teodósio, que não havia saído do deserto em cinquenta anos, voou a Jerusalém para confirmar na fé muitos que titubeavam; e um dia em que toda a cidade havia concorrido à igreja, subiu ao púlpito com a licença do bispo e pronunciou em voz alta estas palavras: Se alguém não venerar os quatro sagrados concílios ecumênicos como os quatro santos Evangelhos, seja anátema. Uma ação tão heroica num venerável ancião de noventa e quatro anos produziu todo o efeito que se podia desejar. O próprio Deus a quis autorizar com um milagre; porque, ao sair da igreja, certa pobre mulher que padecia de um câncer mortal e pestilento, mal tocou o hábito do santo, ficou repentina e perfeitamente curada. Correu depois Teodósio muitas outras cidades da Palestina, pregando contra a heresia dos eutiquianos e tornando inútil o decreto do imperador. Irritado esse príncipe com o zelo ardente e eficaz de nosso santo, desterrou-o, mandando que naquele mesmo dia saísse a cumprir seu desterro. Obedeceu Teodósio e partiu com tanta alegria de ver-se desterrado pela fé que confessou não a ter tido igual em sua vida. Mas, tendo-lha tirado ao infeliz imperador um raio pouco tempo depois, voltaram de seu desterro os santos confessores de Cristo, e Teodósio retornou a seu mosteiro.

Pode-se imaginar com que gozo seria recebido por seus amados filhos e qual seria o recíproco consolo dos filhos e do pai. Contava o santo então noventa e cinco anos e viveu depois outros onze, sem experimentar decadência na razão nem na virtude; antes ao contrário, uma e outra

cobravam novo vigor conforme se ia aproximando do fim da vida. Não se pratica a mortificação, a devoção, a piedade e o fervor na velhice se não se exercitam essas virtudes na juventude. Jamais quis dispensar-se em nada este santo ancião, nem nos exercícios de devoção, nem nos rigores da penitência. Nunca foi mais fervoroso do que quando já passava de cem anos. Aos cento e cinco enviou-lhe Deus uma enfermidade muito dolorosa, que lhe durou um ano, para purificar sua virtude e exercitar sua paciência. Por fim, vendo que se aproximava a hora do descanso eterno, depois de ter exortado todos os seus filhos à observância das regras e à penitência, tendo recebido os santos sacramentos, entregou docemente o espírito nas mãos de seu Criador no dia 11 de outubro do ano 529, aos cento e seis de sua idade, passados quase todos no retiro e no deserto.

… que muitas vezes lhe havia suplicado em vida que pedisse a Deus que o livrasse daquele trabalho sem o ter podido conseguir, lançou-se impetuosamente sobre o cadáver do santo para abraçá-lo, e no mesmo instante o deixou o maligno espírito.

Mal teve notícia de sua morte o patriarca de Jerusalém, chamado Pedro, homem célebre por sua virtude, veio oficiar a missa do enterro, acompanhado de muitos bispos e de uma multidão inumerável de religiosos e solitários que concorreram aos funerais. Foi sepultado na caverna dos monges, onde por longo tempo havia feito uma vida tão santa e tão penitente; e ali foi honrado depois por todos os fiéis com singular veneração.

Martirológio Romano

Em Roma, São Higino, papa, que cumpriu gloriosamente o seu martírio durante a perseguição de Antonino.

Na África, São Sálvio, mártir, em cuja festa Santo Agostinho fez um discurso ao povo de Cartago.

Em Alexandria, os santos mártires Pedro, Severo e Leucio.

Em Fermo, na Marca de Ancona, Santo Alexandre, bispo e mártir.

Em Amiens, São Sálvio, bispo e mártir.

Em Brindisi, São Leucio, bispo e confessor.

Em Mársia, povoado da Capadócia, São Teodósio, chamado o Cenobiarca, que morreu em paz, depois de ter sofrido muito pela fé católica.

Na Tebaida, São Palêmon, abade, que foi o mestre de São Pacômio.

No mosteiro de Supentônio, do monte São Silvestre, Santo Atanásio, monge, e seus companheiros, que, chamados por uma voz divina, entraram no gozo do Senhor.

Em Pavia, Santa Honorata, virgem.

Missa (oração)

A missa é da oitava da Epifania, e a oração em honra do santo é a seguinte.

> **Latim:** *Infirmitatem nostram respice, omnipotens Deus: et quia pondus propriæ actionis gravat, beati Hygini martyris tui atque pontificis intercessio gloriosa nos protegat. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Olhai, ó Deus todo-poderoso, para a nossa fraqueza; e, pois nos oprime o peso de nossos pecados, aliviai-nos dele pela gloriosa intercessão de vosso bem-aventurado mártir e pontífice Higino. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 60 de Isaías, a mesma do dia 6.

Isaías 60,1-6

> **Latim:** [1] Surge, illuminare, Jerusalem, quia venit lumen tuum, et gloria Domini super te orta est. [2] Quia ecce tenebræ operient terram, et caligo populos ; super te autem orietur Dominus, et gloria ejus in te videbitur. [3] Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui. [4] Leva in circuitu oculos tuos, et vide : omnes isti congregati sunt, venerunt tibi ; filii tui de longe venient et filiæ tuæ de latere surgent. [5] Tunc videbis, et afflues ; mirabitur et dilatabitur cor tuum : quando conversa fuerit ad te multitudo maris ; fortitudo gentium venerit tibi. [6] Inundatio camelorum operiet te, dromedarii Madian et Epha ; omnes de Saba venient, aurum et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes.

Português: [1] LEVANTA-TE, esclarece-te, Jerusalém: porque chegou a tua luz, e a glória do Senhor naseeo sobre ti. [2] Por quanto eis-ahi cobrirão as trévas a terra, e a escuridade os povos: mas sobre ti nascera o Senhor, e a sua gloria se verá em ti. [3] E andarão as gentes na tua luz, e os reis no esplendor do teu nascimento. [4] Levanta em roda os teus olhos, e vê: todos estes se tem congregado, elles vierão a ti: teus filhos virão de longe, e tuas filhas se levantarão de todos os lados. [5] Então verás tu, e estarás em asfluencia, e o teu coração se espantará, e se dilatará fora de

si mesmo, quando se converter a ti a multidão do mar, vier a ti a fortaleza das nações: [6] huma inundação de récuas de camelos te cobrirá, de dromedarios de Madian e d'Efa: todos virão de Sabá, trazendo-te ouro e incenso, e anunciando louvor ao Senhor.

Nota

« É constante tradição dos hebreus, seguida pelos padres da Igreja, que Isaías morreu serrado ao princípio do reino de Manassés, rei de Judá. A verdadeira causa da indignação deste ímpio monarca foi a santa liberdade com que o profeta repreendia suas desordens. São Justino e São Jerônimo afirmam que a serra com que padeceu esse tormento foi de madeira, para que seu martírio fosse mais prolongado e mais cruel. »

Reflexões

Levanta os olhos e olha ao redor de ti. Se hoje se levantassem os olhos e se voltassem para o que se passa no mundo, serão objetos cristãos todos os que se olhem? Essa multidão de ociosos, esses bandos de divertidos que em todos ou em certos dias concorrem a essas casas de conversação, a essas mesas de jogo, a esses festins e saraus e a essas diversões mais perigosas e mais profanas: juntam-se todos esses para servir-vos e adorar-vos, Deus de minha alma? Escandaloso, estranho transtorno da moral cristã, por aqueles mesmos que fazem profissão dela! Pode-se dizer que as diversões do carnaval só se diferenciam das que se usam no resto do ano em que são mais frequentes e menos cristãs. O tempo de carnaval, no conceito mais temperado e mais comum, representa-se na ideia como um tempo de dissolução e de desordem.

Mas que pecado é, dizem os mundanos, divertir-se neste tempo? E que mérito, replico eu, que virtude comunica este tempo àquelas diversões que são ilícitas em todos os demais tempos?

Pergunta-se que pecado é divertir-se no carnaval, isto é, renovar em meio ao cristianismo a maior parte das festas dos pagãos, desonrar a profissão de cristão pelos entretenimentos mais indignos e ser objeto de escândalo até para os próprios infiéis. Que pecado é disfarçar-se para fazer cada um o que lhe der na veneta sem vergonha e para expor-se aos maiores perigos sem temor? Que pecado é passar grande parte do dia no jogo, a maior parte da noite no baile; apascentar os olhos em objetos lascivos e lisonjeiros; não reconhecer outro deus, por assim dizer, que o prazer, nem outro dono que a paixão; misturar-se e confundir-se entre uma tropa de dissolutos; os sentidos sem freio, o coração sem custódia, o espírito sem moderação; não faltar a nenhum entretenimento; respirar continuamente um ar contagioso, sem preservativos; estar eternamente acompanhado da gente mais livre e mais desafogada da cidade ou do povoado? Porque que outros sujeitos são os que podem compor durante o carnaval essas assembleias, essas reuniões, na maior parte noturnas e em todo tempo desordenadas? Acham-se nelas os homens maduros, os de juízo, os que são reputados por bons cristãos? Que admiração causaria, que escândalo, se se visse nessas concorrências uma pessoa virtuosa e pia! A que zombarias não estaria ali exposto um

homem de bem! Essa é uma razão muito plausível que dá a conhecer o caráter das pessoas que as compõem; e depois disso se perguntará que pecado há em entregar-se às diversões que se usam no carnaval?

Eu pergunto, pelo contrário: que pecado não há? Que inocência haverá tão cautelosa que possa livrar-se de tanto laço como se lhe arma? Que virtude tão intrépida que possa sair bem de entre tantos inimigos? Então o tempo de carnaval há de ser um tempo em que se entreguem os cristãos a todas as paixões; um tempo em que se exponham sem temor a todos os perigos; um tempo em que se sacrifique publicamente a todos os vícios?

Como! exclama um grande servo de Deus, o cristianismo, pois, não é mais que um fantasma, não é mais que uma quimera? O nome de cristãos com que nos honramos, esse nome que custou a Jesus Cristo tanto sangue, é um nome tão vil, tão desprezível, que não o pode desonrar nenhuma ação, por louca, por torpe, por indecente que seja? É possível que o estado em que nos achamos de filhos adotivos de Deus não nos obrigue a alguma moderação, a alguma decência?

Envergonhar-se-ia um príncipe de sair a um tablado fazendo papel de comediante; um cidadão particular crê, e com razão, que há diversões indecentes a seu estado; desacreditar-se-ia, ficaria infame para sempre um religioso que se divertisse no carnaval como o fazem a maior parte dos cristãos. E persuade-se um cristão de que nada desdiz de nome tão grande, de nome tão santo! Crerá serenamente que pode folgar como pudesse um pagão?

Quê! Empregar grande parte da manhã ou da tarde em vestir-se, em adornar-se, em compor-se, em pintar o rosto para ir ao sarau, à visita, a armar laços à castidade dos homens, a servir de tocha ao demônio com que acender o fogo da luxúria (porque, forjem-se os motivos que se quiser, não se leva outro fim em todo esse afã de parecer bem); estar toda uma noite expostas a olhos lascivos, às liberdades, às desvergonhas de quanto jovem dissoluto há na cidade; valer-se de tudo o mais perigoso que há na natureza e na arte para atrair cada qual para si os olhos da gente jovem e para conquistar-lhe os corações; consumir-se de inveja e de dor se veem que outras são mais atendidas, e encher-se de orgulho e vaidade as que foram mais notadas; disfarçar o sexo e a pessoa para tirar à graça o pequeno socorro que lhe presta o traje natural de cada um; folgar de rua em rua e de praça em praça à sombra de uma máscara de mascarada; não se contentar com discursos inúteis e frívolos, desafogar-se até em palavras obscenas que escandalizam e adiantar-se a conversações que cobrem o semblante de embaraço e rubor; que termos se ousará empregar para autorizar uma licença tão escandalosa?

O espírito do mundo, a intemperança nas comidas, os excessos no jogo, as desordens nos saraus, os espetáculos, os bailes provocativos são menos condenáveis no carnaval que na Quaresma? O vício é menos vício num tempo que em outro? Em que capítulo, em que lugar do Evangelho se encontra que há certos dias do ano em que o preceito de mortificar-se, de evitar as ocasiões, de viver como cristãos, de fazer vida exemplar e pura, de renunciar, de aborrecer com um santo horror as máximas do mundo, obrigue menos que em outros?

Se um pagão, depois de ter sido testemunha no carnaval desses espetáculos públicos, dessas reuniões mundanas, dessas inumeráveis mesas de jogo, desses esplêndidos e licenciosos banquetes, desses bailes indecentes e provocativos e de tudo o que o luxo mais engenhoso e

refinado inspira de mundanidade ou de fausto, entrasse dois dias depois em nossas igrejas e visse aos pés de nossos altares encurvada a cabeça na cinza aqueles mesmos que poucas horas antes havia visto na comédia e no baile, que pensaria? Que diria?

O que diria e o que pensaria não o ignoramos nós; pois nós mesmos pensamos o que ele pensaria. Mas, meu Deus, é possível que sempre nos tenhamos de contentar com condenar aquilo que estamos fazendo sempre? Vamos de boa-fé: não é fazer praticamente burla de nossa religião o estar dando continuamente ao mundo essas cenas teatrais? Não é desacreditar com ações tão desordenadas as cerimônias mais sacrossantas de nossa religião? Aos dias mais dissolutos sucede uma aparência, um arremedo, uma mascarada de piedade; semelhantes àqueles povos agregados a Samaria, que ora assírios, ora israelitas, depois de ter incensado os ídolos, vinham adorar o verdadeiro Deus.

Mas terei de sofrer mil zombarias, de tolerar mil troças, se não concorro às diversões do carnaval, se me abstenho do jogo, se me retiro do baile, se não vou aonde vão os demais. Está bem; mas dize-me: e quem são os que te darão essa troça, os que te farão essa zombaria? Dize-me mais: sobre que recairá essa zombaria e essa troça? Sobre que és escrupuloso, sobre que te queres salvar? E ignora-se porventura que esse gênero de zombaria, na estima dos homens de juízo, honra tanto quem a padece como desacredita quem a faz? Ó Senhor, que dirão? Mas que dirão?

Dirão que não assistes a essas festas porque pensas seriamente em ser o que deves; porque tens posta a consideração na eternidade; porque não queres ser louco, nem atordoado, nem dissoluto, nem ímpio; porque te converteste de verdade: dirão que abraçaste o partido de levar uma vida cristã. E dize-me: será delito ser e parecer cristão em meio ao cristianismo?

Quanto teve que padecer a incorrupta bondade do virtuoso Lot em meio a uma cidade tão universalmente estragada? Que zombaria não se fazia de sua piedade, de sua moderação, de seu retiro? Que ardências não ouvia nas conversações? Que sátiras não corriam contra ele, que apodos, que invectivas, porque não se deixava levar pela corrente e porque vivia com tanta pureza, com tanta inocência de costumes? Mas pergunto: os que tão impiamente zombavam do piedoso Lot falavam no mesmo tom quando viram descer o fogo do céu sobre eles, sobre suas casas e sobre suas famílias? Quando o vingador de tantos delitos deixava livre o justo e o punha em segurança? Desenganemo-nos: a burla e a zombaria em matéria de religião nenhuma força fazem a um coração reto e sincero; só espantam os que se espantam da virtude. Um entendimento solidamente cristão conhece o ridículo dessas insossas chacotas e sabe generosamente desprezá-las.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 2 de São Mateus, e o mesmo do dia 6.

Mateus 2,1-12

> **Latim:** [1] Cum ergo natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce magi ab oriente venerunt Jerosolymam, [2] dicentes : Ubi est qui natus est rex Judæorum ? vidimus enim stellam ejus in oriente, et venimus adorare eum. [3] Audiens autem Herodes rex, turbatus est, et omnis Jerosolyma cum illo. [4] Et congregans omnes principes sacerdotum, et scribas populi, sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur. [5] At illi dixerunt : In Bethlehem Judæ : sic enim scriptum est per prophetam : [6] Et tu Bethlehem terra Juda, nequaquam minima es in principibus Juda : ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Israël. [7] Tunc Herodes clam vocatis magis diligenter didicit ab eis tempus stellæ, quæ apparuit eis : [8] et mittens illos in Bethlehem, dixit : Ite, et interrogate diligenter de puero : et cum inveneritis, renuntiate mihi, ut et ego veniens adorem eum. [9] Qui cum audissent regem, abierunt, et ecce stella, quam viderant in oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret supra, ubi erat puer. [10] Videntes autem stellam gavisi sunt gaudio magno valde. [11] Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et procidentes adoraverunt eum : et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham. [12] Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.

Português: [1] TENDO pois nascido Jesus em Belém de Judá, em tempo do rei Herodes, eis-que vierão do Oriente huns magos a Jerusalem, [2] dizendo: Onde está o Rei dos Judeos, que he nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viemos a adorarlo. [3] E o rei Herodes ouvindo isto se turbou, e toda Jerusalem com elle. [4] E convocando todos os principes dos sacerdotes, e os escribas do povo, lhes perguntava, onde havia de nascer o Christo. [5] E elles lhe disserão: Em Belém de Judá: porque assim está escrito pelo profeta: [6] E tu Belém, terra de Judá, não és a de menos consideração entre as principaes de Judá: porque de ti sahirá o Conductor, que ha de commandar o meu povo d'Israel. [7] Então Herodes tendo chamado secretamente os magos, inquiriu d'elles com todo o cuidado, que tempo havia que lhes apparecêra a estrela. [8] E enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e informai-vos bem que menino he esse: e depois que o houverdes achado, vinde-mo dizer, para eu ir tambem adorarlo. [9] Elles tendo ouvido as palavras do rei, partirão: e logo a estrella, que tinham visto no Oriente, lhes apareceu, indo adiante d'elles, até que chegando, parou sobre onde estava o menino. [10] E quando elles virão a estrella, foi sobremanceira grande o jubilo, que sentirão. [11] E entrando na casa, achárão o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adorárão: e abrindo os seus cofres, lhe fizeram suas offertas d'ouro, incenso, e myrrha. [12] E havida resposta em sonhos, que não tornassem a Herodes, voltárão por outro caminho para a sua terra.

Meditação

Da resistência à divina graça

Primeiro ponto

Considera quantos viram a estrela. Descobriu-se igualmente a todos, e poucos a seguiram. Quão infelizes foram os que não se aproveitaram de suas luzes! A mesma infelicidade padecem hoje os que resistem à graça.

Deus fala, Deus nos chama: iluminações interiores, inspirações secretas, meditações eficazes, livros espirituais, enfermidades, acidentes; de tudo se serve Deus para fazer-nos entrar no caminho do céu, para converter-nos. Têm-se os olhos abertos, admiram-se, por assim dizer, esses sagrados fenômenos; mas, em meio a isso, fecham-se os ouvidos à voz de Deus.

Raras são as grandes festas, raras as entradas de ano novo em que não tenhamos descoberto alguma nova estrela, em que não tenhamos visto alguma nova luz. Conhece-se, confessa-se, crê-se; está a razão plenamente convencida de que é grande o atraso que se padece, de que falta ainda longo caminho por andar, de que se passaram anos e mais anos sem ter adiantado nada. Essa confissão e esse conhecimento estéril é o único fruto que produz essa graça. E, contudo, essa luz não brilhou precisamente para alumiar os olhos; o fim principal de seu resplendor era fazer impressão nos corações. Era preciso romper desde logo essa inclinação, esses laços; era preciso pôr-se de pronto a caminho, era preciso seguir outra nova senda com o ano novo: mas nada menos que isso; conhecem-se os descaminhos, repreende-se cada um a si mesmo por suas desordens, confessa-se que ainda não se começou a servir a Deus de verdade; tem-se à vista a sepultura, caminha-se a largas jornadas para a morte, e em meio a isso os laços subsistem, as paixões lançam mais fundas raízes, os pecados se multiplicam, sufocam-se as graças e aquele pobre coração se endurece. Pergunto: não é isso o que estou experimentando em mim mesmo?

Meu Deus, que remorsos! Que dor! Não permitais, Senhor, que se apaguem essas divinas luzes; vou seguir essa inspiração; eu me rendo à vossa graça: basta de dilação, basta de tardança.

Segundo ponto

Considera que aquela divina estrela brilhou por algum tempo; mas depois desapareceu, ocultou-se aos olhos dos que não se resolveram a segui-la.

Caminhai, diz o Salvador, enquanto vos alumia a luz, não suceda que depois vos apanhe a noite e vos surpreendam as trevas. Essas graças sobrenaturais, esses piedosos impulsos se desvanecem depois que inutilmente nos solicitaram por algum tempo. Conserva-se a memória de que alguma vez se teve o pensamento, e até o desejo, de fazer o bem; mas com efeito nada se fez; como aqueles povos que se lembravam de ter visto a estrela, mas sem ter andado um passo.

Quanta diferença houve na sorte dos Magos que seguiram a estrela e na daqueles que se contentaram em vê-la e admirá-la? Estes vivem errados e morrem infiéis; aqueles conhecem a Cristo, merecem ser seus primeiros discípulos e gozam depois da morte a bem-aventurança eterna. Ah, tudo dependia de ter dado ouvidos àquela voz interior e de ter partido de pronto! Covardia, irresolução, interesse vil, respeitos humanos, amor-próprio: oh, quantas vezes sois a origem fatal de uma infelicidade eterna, de uma funestíssima sorte!

Quantos de nossa mesma idade, de nossa mesma condição, de nosso mesmo estado foram mais fiéis à graça que nós? Tiveram a mesma educação, o mesmo gênio, as mesmas luzes que nós; uns deixaram o mundo para servir unicamente a Deus; outros abraçaram o partido de servir a Deus permanecendo dentro do mundo; estabeleceram uma vida exemplar, cristã, regrada, constante; e por sua virtude se fizeram respeitar até dos próprios dissolutos; e eu, entregue a minhas paixões, abandonado a meus apetites, vítima de meus remorsos, sou o opróbrio, o desprezo das gentes: e depois de tudo isso, qual será o fim de minha vida, qual será minha sorte eterna! Ah! E quem compreendesse de quão inestimável preço são as menores graças! E, no entanto, quantas vezes as fiz inúteis eu! Oh, e quanto importa não resistir à graça! Quanto interessa seguir aqueles piedosos movimentos, aquelas santas inspirações que com tanta frequência chamam à porta do coração! Desenganemo-nos: nossa condenação eterna sempre é obra da resistência à graça. Que dor, que raiva por toda a eternidade a de termos sido nós mesmos os artífices de nossa desgraça eterna!

Senhor, não vos enfureçais, não vos retireis de mim por minhas contínuas infidelidades. Efeito é de vossa divina graça o vivo arrependimento que já sinto. Aumentai essa graça, que em vossa misericórdia espero que não ache mais resistência e que já não me solicite em vão como até aqui.

Jaculatórias

> *Surgam, et ibo ad Patrem meum.* Lc 15.

Despertarei por fim deste profundo letargo: levantar-me-ei e voarei a vós, meu Deus, que sois meu pai.

> *Vocabis me, et ego respondebo tibi.* Jó 14.

Ainda me haveis de chamar, Senhor, por vossa divina graça, e certamente não me farei surdo a ela: eu responderei.

Propósitos

1. Deves ter por uma graça especial todas as reflexões que leste e as que por ti mesmo tiveres adiantado sobre os profanos divertimentos do carnaval. Triste de ti se lhe resistires. Eia, já estás no tempo crítico; talvez dependa tua conversão e tua salvação eterna da resolução que vais tomar. Resolve-te desde este instante a desterrar-te dos espetáculos, do baile, dessas concorrências tão pouco cristãs; a pôr-te um inviolável interdito de todas essas diversões, que só deixam um amargo

arrependimento. Escreve este propósito, firma-o e renova-o todos os dias no sacrifício da missa, e faze-o com espírito de verdadeira penitência, para reparar de algum modo, por meio dessa pública reforma, todas as tuas desordens passadas, todos os teus escândalos, todos os teus excessos.

2. Tem previstas todas as solicitações, todas as tentações, todas as zombarias que terás de desprezar por um motivo tão justo. Previne o inimigo, declarando-te tu o primeiro sobre a conduta que resolutamente hás de seguir; nada desarma tanto os mordazes como essa generosa prevenção. Dá prontamente conta a teu confessor ou diretor dessa resolução que tomaste e estabelece com seu conselho as medidas que parecerem mais proporcionadas para não inutilizar esta graça; olha que é de muita consequência. Que consolo tão doce, que gozo tão requintado experimentarás no primeiro dia da Quaresma, se desde hoje fizeres com segurança o que Deus pede de ti!

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:42 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:42 by Admin